



O cavalo de todas as cores, uma revista organizada por João Cabral e Alberto de Serpa em sua contemporaneidade¹

O cavalo de todas as cores, a Magazine Organized by João Cabral and Alberto de Serpa in Their Contemporaneity

Solange Fiuza

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás / Brasil

solfiuza@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-2458-8676>

Resumo: Em 1950, João Cabral de Melo Neto e o poeta português Alberto Serpa publicaram a revista de poesia *O cavalo de todas as cores*, que teve um único número. O interesse por essa revista parecia residir, sobretudo, em ter sido ela um empreendimento editorial envolvendo um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos. Entretanto, a correspondência trocada entre os dois editores, tratando centralmente da organização da revista, talvez redimensione a importância dessa publicação, sobretudo, no conjunto da obra de Cabral. Propõe-se acompanhar, a partir dessa correspondência, o processo de organização de *O cavalo de todas as cores*, contemplando as escolhas dos editores e o que elas revelam sobre o modo como cada um lidou com sua contemporaneidade política.

Palavras-chave: João Cabral de Melo Neto; Alberto de Serpa; correspondência; revista *O cavalo de todas as cores*.

Abstract: In 1950, João Cabral de Melo Neto and the Portuguese poet Alberto Serpa, published the poetry magazine *O cavalo de todas as cores*, which had only a single edition. The interest in this magazine seemed to reside, above all, in being an editorial enterprise involving one of the greatest Brazilian poets of all time. However, the correspondence exchanged between the two editors, treating centrally of the organization of the magazine, can maybe re-dimension the importance of this publication, above all in Cabral's body of work. We propose to follow, from that correspondence, the process of organization of *O*

¹ Este artigo vincula-se ao projeto *Edição comentada da correspondência entre João Cabral e Alberto de Serpa & Estudos críticos*, contemplado com bolsa PQ do CNPq.

cavalo de todas as cores, contemplating the editors' choices and what they reveal about the way each of them dealt with their political contemporaneity.

Keywords: João Cabral de Melo Neto; Alberto de Serpa; correspondence; magazine *O cavalo de todas as cores*.

No início de 1950, o poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto e o português Alberto de Serpa publicaram uma revista de poesia intitulada *O cavalo de todas as cores*, que teve um único número. Nessa ocasião, Cabral tinha 30 anos e era vice-cônsul em Barcelona, seu primeiro posto diplomático. Já havia publicado *Pedra do sono* (1942), *O engenheiro* (1945) e *Psicologia da composição* (1947), mas não era ainda o poeta conhecido e reconhecido que se tornou a partir dos anos 1960. Alberto de Serpa, por sua vez, tinha 43 anos, morava no Porto, Portugal, era corretor de seguros, havia publicado mais de uma dezena de livros² e tinha um bom contato com intelectuais portugueses e brasileiros. Além disso, havia sido secretário de duas importantes revistas portuguesas, a *Presença* e a *Revista de Portugal*, que ele fundou com Vitorino Nemésio.

A revista *O cavalo de todas as cores* foi impressa pelo próprio Cabral em uma prensa manual Minerva, que ele comprou quando morava em Barcelona. Nessa tipografia doméstica, imprimiu, além de *O cavalo de todas as cores*, livros seus, como *Psicologia da composição* (1947) e *O cão sem plumas* (1950), e de amigos brasileiros e espanhóis, de que são exemplares, *Mafuá do malungo* (1948), de Manuel Bandeira, *Pátria minha* (1949), de Vinicius de Moraes, e *Sonets de caruixa* (1949), de Joan Brossa. Os livros impressos por Cabral em sua Minerva saíam com o selo O livro inconsútil, nome sugerido por Manuel Bandeira numa referência direta aos livros compostos por cadernos sem costura.

O primeiro e único número de *O cavalo de todas as cores* traz na capa um cavalo tipográfico assinado por Francisco García Vilella, artista plástico

² Livros de poesia publicados por Alberto de Serpa até então: *Quadras* (1924); *Evoé* (1924); *Varanda* (1934); *Descrição* (1935); *20 poemas da noite* (1935); *A vida é o dia de hoje* (1939); *Drama – Poemas da paz e da guerra* (1940); *Lisboa é longe* (1940); *Fonte* (1943); *Poesia* (1944, reúne os livros anteriores a partir de *Varanda*); *Nocturnos* (1944); *Rua* (1945).

catalão amigo de Cabral que já havia colaborado em outra publicação de O livro inconsútil.³

Capa da revista *O cavalo de todas as cores*, de autoria do artista plástico catalão Francisco García Vilella (exemplar da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Portugal)



Fonte: Melo Neto; Serpa (1950)

A revista é aberta por “Nove canções católicas”, inédito de Pedro Homem de Mello, poeta e folclorista português popularizado na voz de Amália Rodrigues. Na sequência, aparece “A bomba atômica”, de Vinicius de Moraes, poema que já havia sido publicado, em 1946, no livro *Poemas*,

³ Francisco García Vilella ilustrou *Cores, perfumes e sons*, poemas de Baudelaire traduzidos pelo superior de Cabral no Consulado do Brasil em Barcelona, o Cônsul-Geral Osório Dutra, e impressos pelo poeta tipógrafo. Sobre as relações de Cabral com García Vilella e outros artistas espanhóis, ver a tese de Ricardo Carvalho (2011, p. 137-140) *A Espanha de João Cabral e Murilo Mendes*. Ver ainda, no caso específico das ilustrações de *Cores, perfumes e sons*, carta de Cabral a Manuel Bandeira de 20 de julho de 1948 (SUSSEKIND, 2001, p. 87), em que Cabral conta que, obrigado a publicar as traduções de seu superior, arranhou-lhe “a camisa de onze varas dessas ilustrações”, fazendo com que o amigo Vilella ganhasse algum dinheiro.

sonetos e baladas. *O cavalo* traz também o poema “Cuatro poetas”, do poeta, tradutor e crítico de arte catalão Rafael Santos Torroella, a quem Cabral dedicará, futuramente, o poema “A palo seco”, de *Quaderna* (1960). A revista publica ainda um texto em prosa, “Poesia”, de José Régio, figura central do Presencismo e um dos diretores da revista *Presença*. De acordo com a explicação poética desse texto, a poesia é uma só, apesar das variações individuais, ideológicas e de época. Fecha a revista uma nota de Enric Tormo i Freixas sobre “Xilografia popular en Catalunya”, seguida de reproduções de gravuras dos séculos XVII e XVIII. Foi E. Tormo que orientou Cabral na compra da sua impressora e o auxiliou inicialmente na arte da tipografia. A ele o poeta homenageará no poema “Paisagem tipográfica”, de *Paisagens com figuras* (1956).

Considerada isoladamente, o maior interesse dessa revista para a crítica brasileira parecia residir em ter sido ela editada por João Cabral de Melo Neto. Mas existe uma correspondência ainda inédita trocada entre o poeta brasileiro e Alberto de Serpa que talvez ajude a ressignificar a importância dessa publicação, sobretudo no conjunto da obra de Cabral. A maior parte dessa correspondência foi escrita entre 1949 e 1950 e trata centralmente da organização de *O cavalo*.

No momento, trabalho na preparação dessas cartas para publicação em livro. O livro, além das cartas, trará também uma edição fac-similar da revista e será lançado em 2020. Minha proposta para este artigo é acompanhar, a partir da correspondência trocada entre os dois poetas, o processo de organização da revista *O cavalo de todas as cores*, detendo-me apenas no modo como essa organização representou modos diversos de os editores responderem a uma contemporaneidade política.⁴ Vale lembrar que os diretores da revista viviam em países que estavam sob o jugo de regimes totalitaristas de direita: a Espanha franquista e o Portugal salazarista.

A iniciativa de editar uma revista de poesia partiu de Cabral numa carta de julho de 1949:

⁴ No artigo “Cartas inéditas de João Cabral a Alberto de Serpa”, publicado em 2019 na revista *Alea: Estudos neolatinos*, acompanho apenas as cartas de Cabral a Serpa tendo em vista os critérios de organização de *O cavalo de todas as cores*, de modo que este trabalho retoma e amplia apenas o critério político, além de contemplar também as cartas de Serpa a Cabral.

Quem sabe se não poderemos levar a efeito uma pequena revista minoritária que tenho planejada, dedicada exclusivamente à poesia, portuguesa, brasileira, espanhola, catalã, galega, antiga e moderna. Uma coisa ampla, mais de texto que de crítica. Uma coisa que não pague nenhum tributo à vida literária e ao livro recebido. E, quando houver prosa – que deveria ser a mais reduzida dada a preguiça do impressor para compor textos em prosa –, que sejam as mais teóricas e muito pouco de circunstância. Em cada número, poderiam sair três ou quatro fascículos, cada um com poema longo ou com uma pequena suíte de poemas. Cada fascículo teria uma portada – como se fosse um pequeno livro; cada língua poderia ter um redator (português, dois), etc., etc. Cada fascículo poderia ter oito páginas de texto (a revista teria dimensões grandes como a folha do papel em que estou escrevendo), etc., etc.

Evidentemente, dados os meios técnicos do impressor, a revista teria de ser, forçosamente, uma coisa de uns 200 exemplares, em bom papel. Coisa, infelizmente, de luxo. Dados, também, esses meios, creio que o mais aconselhável seria fazê-la trimestral. E aliás, pensando melhor, agora, uma coisa de caráter português-brasileiro. Isso talvez nos daria mais liberdade de ação e permitiria que nos movêssemos dentro do castelhano, do catalão e do galego, sem interferência de gente de outras línguas.

Que acha o amigo de tudo isso? A ideia me tenta e por isso, gostaria de ouvir sua opinião. Por que – se a fizermos – não começaremos com os “Poemas quasi brasileiros”, e mais duas outras coisas? Tenho umas traduções do catalão e uma pequena antologia, organizada por um rapaz daqui sobre “O alexandrino en la joven poesia castelhana”. Não crê que para começar temos suficiente. (MELO NETO, 1949a, grifos do autor)⁵

Pelo fragmento, percebe-se que Cabral, quando convida Serpa a organizar com ele uma revista, já a tem planejada. Será uma revista de poesia; publicará mais textos poéticos do que críticos; será publicada trimestralmente; terá uma tiragem de 200 exemplares; será dirigida por um brasileiro e um português, mas publicará textos de outras línguas, como o castelhano, o galego e o catalão. Cabral já apresenta até o projeto gráfico e algumas sugestões de textos, que efetivamente não foram os publicados, como se pode comprovar pelo sumário já apresentado.

⁵ A transcrição da correspondência entre João Cabral e Alberto de Serpa manteve a grafia e a pontuação dos originais.

A pequena tiragem da revista é devido ao fato de que ela será impressa manualmente, o que, por exigir considerável esforço físico, limita o número de exemplares. Mas, aos “meios técnicos do impressor”, Cabral acrescenta, em carta de 19 de setembro, uma outra explicação para a tiragem reduzida. Segundo ele, a poesia moderna, conforme formulará depois na conhecida palestra “Da função moderna na poesia” (1954), toca os extremos da qualidade e, exatamente por isso, se faz incompreensível ao grande público, sendo destinada apenas a outros poetas. Por conta disso não vê razão numa tiragem superior a 200 exemplares para uma revista de poesia:

Não creio que a poesia que fazemos hoje, no mundo todo, tenha, e mesmo possa ter, uma vigência maior de exemplares. Essa poesia é evidentemente uma poesia extremada, isto é, que toca os pontos extremos da “qualidade” (como perfeição e conhecimento e intensidade do fenômeno poético). Mas essa poesia, expressão de uma classe que esteve baseada no todo poder do indivíduo começa a se fazer incompreensível – isto é, a não interessar – senão às poucas pessoas que a fazem. Ou melhor: essa poesia é uma poesia para outros poetas. Porque no segundo ato de seu extremar-se ela deixou de interessar à própria classe burguesa, que a provocou, e se especializou profissionalmente.

Como eu disse acima, essa poesia muito me interessa, porque como membro dessa classe e como profissional da arte não me posso furtar a ela. Mas não creio em sua validade maior de 200 exemplares e de revistas minoritárias. Era a essa difusão, minoritária e de amigo a amigo, de nosso vício de classe que começa a desaparecer que eu havia pensado dedicar um cavalo mensageiro. Um cavalo descosido, sem certificado de origem, uma carta coletiva, a 4 mãos, de Alberto de Serpa a seus amigos portugueses e de J. Cabral de Melo a seus amigos brasileiros. (MELO NETO, 1949d)

Voltando aos critérios de organização apresentados por Cabral na carta-convite a Serpa, é compreensível que o poeta brasileiro já os tenha esboçado. Não apenas por causa da sua conhecida obsessão pelo planejamento, mas porque, pelo menos desde 1947, vinha procurando um parceiro para editar uma revista. Em cartas trocadas com o amigo e diplomata Lauro Escorel⁶ entre novembro de 1947 e os primeiros meses de

⁶ A extensa correspondência entre João Cabral e Lauro Escorel encontra-se disponível no acervo do poeta na Fundação Casa de Rui Barbosa.

1948, planejam a revista *Antologia*, que seria editada por eles e por Antonio Candido. Nessas cartas, discutem o título da revista, suas diretrizes e os textos que a comporiam. Cabral chega a enviar uma portada da *Antologia* para Escorel. A revista não saiu porque, segundo dirá Antonio Candido em depoimento concedido décadas depois a Selma Vasconcelos (2009, p. 149), ele, Candido, teria “roído a corda” e, efetivamente, Escorel não estava tão firme na empreitada quanto Cabral.⁷ A verdade é que a edição de uma revista era um projeto de Cabral, para o qual ele precisava, entretanto, de um parceiro, pois, como explica em carta sem data a Escorel: “Eu sozinho não a poderia fazer. Não pelo trabalho – mas pela responsabilidade.” (MELO NETO, [194-]).

O projeto da *Antologia* não pôde ser levado adiante, mas suas diretrizes principais foram retomadas na carta-convite a Serpa, que aceitou prontamente o convite e, na carta-resposta, já sugere um título (*O cavalo de muitas cores*) e, tão presto quanto Cabral, lança-se no planejamento da revista. Além do título, faz sugestões de capa (um Pégaso de Almada Negreiros ou de Cícero Dias), propõe que, inicialmente, limitem as colaborações apenas à poesia brasileira e portuguesa, e aventa possíveis colaboradores, tanto do Brasil quanto de Portugal, para o primeiro número e também para o segundo:

Quanto a essa ideia da nossa Revista, estou já possesso dela. Já a vejo na minha frente, e já lhe sugiro um título: – O cavalo de muitas cores. Sob, ou sobre as letras, um Pégaso formoso, que o Almada Negreiros ou o Cícero Dias desenharão da melhor vontade, a que a sua tipografia dará uma cor em cada número. Que lhe parece? Acho muito bem os 4 cadernos de 8 páginas trimestrais, e a colaboração portuguesa não faltará. Dado o pequeno comprimento, sugiro, por agora, as colaborações apenas brasileira e portuguesa: uma revista de boa poesia e boa apresentação de cá e de lá, já é alguma coisa.

⁷ Em carta de Lauro Escorel a João Cabral enviada de Boston e datada 24 de maio de 1948, o remetente refere-se a uma missiva de Antonio Candido em que este dá “longas razões” para recusar o convite. Segundo Escorel, Candido “[c]onfessa-se afastado da literatura há mais de um ano, tomado que se encontra pelas preocupações políticas e sociológicas.” Escorel transcreve um fragmento da carta de Candido: “Sinto-me – diz ele – cada vez mais besta ante o fenômeno literário; me convenci de que não sinto bem poesia (como quereria sentir, como sei que você sente); e já não sei mais por que orelha pegar o bicho”. (CANDIDO *apud* ESCOREL, 1948).

Quatro colaboradores por número, dois portugueses, dois brasileiros, sendo três poetas e um prosador. O primeiro número deverá dar já dos melhores, e, assim, lembro-me do nosso Bandeira, ou do Drummond, e de qualquer outro seu patrício; de cá, prosa poética do Régio ou do Gaspar Simões e versinhos do Miguel Torga. Para o nº 2, já cá tenho inéditos do Nobre para um caderno e, para lá mais para diante, faremos um número só com uma longa e admirável poesia inédita do Fernando Pessoa. Que me diz? (SERPA, 1949a. Grifos do autor)

Tendo finalmente encontrado um diretor tão animado com o projeto quanto ele, Cabral escreve-lhe, na sequência, uma missiva bastante entusiasmada de oito laudas manuscritas. Nela, diz que havia pensado no título *Algol*, palavra que em árabe medieval significa diabo. Mas concorda com o nome sugerido por Serpa, fazendo, entretanto, uma pequena alteração: *O cavalo de todas as cores*; nome que talvez melhor expressasse o desejo de Cabral de publicar certa poesia que ele estava empenhado em dar a ver na revista. (MELO NETO, 1949b)

Algol (1946 ou 1947) já tinha sido o nome de uma revista catalã fundada por jovens artistas amigos do poeta (Joan Brossa, Joan Ponç, Arnau Puig e Enric Tormo) e que teve apenas um único número, sendo sucedida pela *Dau al set* (1948-1956), “a sétima face do dado”, revista que dá nome ao grupo vanguardista que em torno dela se reunia: os pintores Modest Cuixart, Joan Ponç e Antoni Tàpies, o poeta Joan Brossa, o filósofo Arnaud Puig e o editor Joan-Josep Tarrats. Cabral exerceu uma influência política sobre esses jovens, procurando convertê-los às ideias marxistas e chamando a atenção de seus membros para a necessidade de a arte expressar uma preocupação social, sem prescindir do estilo conquistado pelo autor.

Como é sabido, após a Guerra Civil Espanhola, o catalão, a exemplo de outras línguas minoritárias da Espanha, foram proibidas. Em sua bela autobiografia, *Memoria personal*, o artista plástico Antoni Tàpies (1983, p. 215) diz que “Escrever em catalão era quase como estar conspirando”⁸. Segundo o próprio Cabral em carta de fevereiro de 1948 a Manuel Bandeira, em que se refere aos jovens reunidos em torno das revistas *Algol* e *Dau al set*:

[...] o catalão, desde 1939, é perseguido aqui. A princípio não podiam nem falar; a partir do desembarque dos americanos na África, passaram a tolerar a língua oral; a partir de 1945, fim da guerra,

⁸ “Escribir en catalán era casi como estar conspirando”.

passaram a permitir os livros em catalão, se em pequena tiragens, fora do comércio; e, finalmente, de um ano para cá, permitem os livros – com restrições – mas não as revistas e os jornais. (SÜSSEKIND, 2001, p. 89)

Voltando à carta de Cabral de 26 de julho de 1949, se ele acolhe prontamente o nome proposto por Serpa para a revista e também concorda que ela seja luso-brasileira em sua organização, discorda, por razões tipográficas, das sugestões de capa, e discorda, sobretudo, de limitá-la, no que diz respeito aos textos escolhidos, a um âmbito português e brasileiro. A razão, segundo ele, é política, pois tenciona apoiar a literatura catalã mantida em *boycott* pelo regime espanhol, a literatura espanhola produzida no exílio e a literatura castelhana “não contaminada”:

Aceito imediatamente o título que v. sugere; eu tinha pensado em ALGOL, palavra que em árabe medieval significa diabo. Mas o cavalo me conquistou de supetão. Também concordo com a sugestão de deixar que a coisa seja organizada por portugueses e brasileiros. Unicamente, gostaria é que não ficasse a matéria da revista limitada às nossas duas literaturas. Nisso, influi um motivo político: o de se apoiar o que o regime atual da Espanha não tolera com bons olhos: a literatura catalã – que é bem interessante – injustamente mantida em *boycott*; a literatura castelhana de fora daqui, completamente desconhecida aqui; e a literatura castelhana daqui não contaminada. Essa maior amplidão teria a vantagem de dar um sentido mais internacional à revista. Porque a verdade é que no Brasil – e creio que também em Portugal – existem já revistas de âmbito mais limitado, cheias de Manuel Bandeira, Carlos Drummond, etc. Isto é: revistas que restringem a um âmbito municipal, estadual ou nacional a poesia de M. Bandeira e Carlos Drummond. Não acha v. que se poderia tentar agora – graças à convivência material num mesmo número de revista, com outras literaturas – sair um pouco dessa limitação de que falei? (MELO NETO, 1949b)

Tendo um coeditor português como Serpa, *O cavalo* se afigura, para Cabral, conforme se pode acompanhar em carta dele a Lauro Escorel, como uma possibilidade de fazer chegar aos portugueses a poesia catalã censurada pelo franquismo (MELO NETO, 1949j). Vale lembrar que Cabral aprendeu o catalão e já havia publicado, em fevereiro de 1949, na *Revista brasileira de poesia*, de São Paulo, uma tradução de 15 poetas catalães. Além disso, em sua *Minerva*, publicou tanto poetas brasileiros contemporâneos quanto

espanhóis, como é o caso de *Sonets de caruixa*, de Joan Brossa, autor que se tornou um clássico da poesia catalã.

Serpa, desde a carta em que acolhe o convite de Cabral, mostra-se preocupado com a subordinação de *O cavalo* à censura. Quando a revista já está sendo impressa, pede que Cabral indique na capa que ela foi composta e impressa em Barcelona, pois só essa indicação a isentaria de ir à censura portuguesa e colocaria a ele, Serpa, fora de qualquer sanção (SERPA, 1949b). Em uma das primeiras cartas, adverte sobre as implicações que a edição de uma revista em parceria com ele poderia trazer para Cabral em caso de este pleitear exercer a diplomacia em Portugal. Isso porque, segundo Serpa, ele teria sido convidado, pelo diretor do jornal *O primeiro de janeiro*, a editar uma revista literária e artística. Para isso, pediu autorização ao Diretor do Secretariado Nacional de Informação, António Ferro, para que a revista saísse sem ser submetida à censura. António Ferro, como é sabido, foi diretor da famosa e centenária revista modernista *Orpheu*. Nesse momento, ele é responsável pelo órgão de propaganda do chamado Estado Novo português. Tendo seu pedido negado, Serpa conta que atacou António Ferro numa entrevista, não podendo, por conta disso, lançar uma revista em Portugal sem o crivo da censura (SERPA, 1949c).

O incidente entre Alberto de Serpa e António Ferro dá a nota do antissalazarismo do conteúdo das cartas do primeiro; antissalazarismo que parece se manifestar, sobretudo, por meio de um ressentimento pessoal, limitando-se a um “antiferrismo”. Ferro é sempre figurado como alguém que se sente incomodado com a publicação de *O cavalo*, o que parece causar um sentimento de satisfação revanchista no editor português:

O António Ferro, que já sabe do nosso projecto, está “muito sentido” comigo por eu não me ter sujeitado à sua imposição de ir à Censura... Bem calculo que isto lhe custe, por se saber no Brasil que eu não posso publicar livremente numa Revista de Literatura e Arte em Portugal. (SERPA, 1949d);

“Poderemos, ainda, dar o número [de *O cavalo de todas as cores*] de Outubro? Por aqui há grande expectativa, e o aparecimento rápido agradaria a toda a gente – menos ao Ferro e à panelinha dos Osórios”...⁹

⁹ Referência a José Osório de Oliveira (1900-1964), jornalista, crítico, historiador literário e editor português, tendo secretariado a revista *Atlântico*. Foi um dos maiores divulgadores da literatura cabo-verdiana e da literatura brasileira em Portugal.

(SERPA, 1949e); “O meu amigo Ferro veio anteontem ao Porto receber as homenagens e as despedidas. Mais uma vez se mostrou muito sentido com a próxima saída do Cavalo...” (SERPA, 1949b, grifos do autor)

O incidente entre Alberto de Serpa e António Ferro e, sobretudo, a advertência daquele de que a sua relação com o diplomata brasileiro poderia obstar sua indicação a um posto em Portugal, seguramente foram ao encontro das aspirações ideológicas de Cabral. O poeta brasileiro, na carta-resposta, mostra-se heroicamente disposto a sacrificar suas pretensões diplomáticas pela revista: “Se alguma dificuldade a revista me pode criar, futuramente, no caso de designação para um posto em Portugal, correrei com o risco. Afinal de contas, não creio que a situação daí dure eternamente e que, por isso, esteja eu eternamente incapacitado para viver em Portugal.” (MELO NETO, 1949c).

A situação de Portugal não durou para sempre, mas persistiu até 1974. Apenas em 1986 Cabral foi cônsul-geral no Porto. Não sei se o seu posicionamento político teve ou não alguma implicação nessa demora. O certo é que Cabral foi, entre 1953 e 1954, afastado do Itamaraty, sem remuneração, sob a acusação de subversão, ou seja, comunismo.

Na mesma carta em que narra seu desentendimento com António Ferro, Serpa assim se define politicamente: “Sou um homem sem qualquer ligação política, um democrata independente que combate, só pelas palavras, qualquer extremismo da direita, ou da esquerda.” E defende que o critério estético seja determinante para as escolhas da revista: “O Cavalo deverá, parece-me, olhar só à altura literária da sua colaboração, indo buscá-la a todos os sectores onde haja bons poetas e bons críticos.” (SERPA, 1949c, grifos do autor).

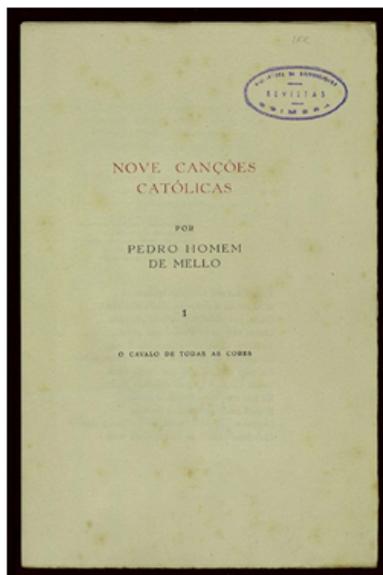
Enquanto Serpa se define, conforme outros confrades presenciais, como um “democrata independente”, avesso aos extremismos e pronto a ir buscar a “boa poesia”, independentemente de sua ideologia, Cabral se autodeclara um “bom materialista”, para quem, na esteira da undécima tese de Marx sobre Feuerbach, “saber implica necessariamente agir”¹⁰ (MELO NETO, 1950). Nesse sentido, se Cabral está de acordo com Serpa quanto

¹⁰ Segundo Antoni Tàpies, essa tese sobre Feuerbach era frequentemente mencionada por Cabral, tendo sido este a despertar nele uma curiosidade pela ideologia marxista e a introduzi-lo no polémico mundo da arte comprometida (TÀPIES, 1983, p. 234-279).

a publicar na revista somente “boa literatura”, ele ajunta a essa exigência estética um critério ético, uma tomada de partido.

A posição política diversa dos editores tem implicação direta nos textos que indicam para *O cavalo*. Alberto de Serpa, já nas primeiras cartas, define suas escolhas: um texto em prosa que encomendaria ao autor central do Presencismo, José Régio, texto que, como mencionado, seria uma explicação da metáfora do título da revista; e o poema “Nove canções católicas”, de Pedro Homem de Mello, poeta que também colaborou na *Presença*.

Portada do poema “Nove canções católicas”, de Pedro Homem de Mello¹¹
(exemplar da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Portugal)



Fonte: Melo Neto; Serpa (1950)

Quando Cabral recebe o poema de Pedro Homem de Mello, diz ter gostado. Mas, num contexto de fascismo clerical, faz uma restrição ao texto típica de um materialista: “os poemas me agradaram imensamente apesar da palavra CATÓLICAS, no título, apesar de seu sentido católico, e apesar do fato de ser eu, absolutamente, anticatólico e anticristão; ou melhor: piamente acatólico ou acristão” (MELO NETO, 1949d).

¹¹ Cada caderno, contendo os textos de *O cavalo de todas as cores*, apresenta uma portada, como se fosse um pequeno livro.

Nessa mesma carta, Cabral, que vinha hesitando entre Vinicius de Moraes e o poeta pernambucano e ativista político oitocentista Natividade Saldanha¹², define sua escolha brasileira para *O cavalo*: “A bomba atômica”, de Vinicius de Moraes (MELO NETO, 1949d).

Em agosto de 1949, a então União Soviética detona sua primeira bomba atômica. Em setembro do mesmo ano, os EUA anunciam que os soviéticos também têm a arma nuclear e é ainda no mês de setembro, depois de ler as “Nove canções católicas”, que Cabral define-se pelo poema de Vinicius, no qual a bomba aparece como símbolo da paz. Como mencionado, o poema de Vinicius havia sido publicado em livro de 1946, mas, para Cabral, como explica numa carta a Lauro Escorel: “somente nesse momento ganha todo seu sentido, porque a descoberta da bomba atômica pelos russos é que veio transformá-la em instrumento de paz. Até então ela não passava de um instrumento de chantagem guerreira.” (MELO NETO, 1949d). Assim sendo, o poema de Vinicius, ao responder a uma demanda contemporânea, representa, para Cabral, um modo de contrabalançar o título, por ele considerado fascista, das canções católicas de Pedro Homem de Mello.

O título do poema de Pedro Homem de Mello irrita Cabral de tal modo, que ele escreve precipitadamente numa carta a Lauro Escorel:

[...] encontro o assunto revista. O assunto está um pouco ameaçado. Pelo seguinte: minha ideia ao fazer a revista foi permitir, inclusive, que os intelectuais portugueses pudessem ler coisas que o regime não deixa ler. O título sugerido, parecia indicar isso, o cavalo de todas as cores. E uma carta de A. Serpa também, na qual me dizia que era considerado suspeito para o governo português e que, por isso, nossa amizade podia prejudicar-me no caso de um futuro posto meu em Portugal. Pois bem, apesar disso, o homem relutou em tudo que fosse

¹² Poeta e bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, o mulato pernambucano José da Natividade Saldanha (1796-1832) participou da Confederação do Equador, tendo sido exilado de 1824 até sua morte. Autor de *Poesias dedicadas aos amigos e amantes do Brasil* (1822), publicado em Coimbra, foi incluído na *Antologia dos poetas brasileiros da fase colonial*, de Sérgio Buarque de Holanda. Natividade Saldanha será homenageado por Cabral mais de trinta anos depois no poema “Um poeta pernambucano”, publicado em *A escola das facas* (1980). O seu nome e o de outros pernambucanos aventados para entrar em edições de *O cavalo*, além de obras da cultura popular, evidenciam um crescente interesse do poeta pelo seu estado natal.

publicar poesia catalã, que é mal vista pelo império (Império é como o franquismo chama a Espanha, etc). E por cartas posteriores, notei que a atitude heroicamente anti-salazarista dos meus amigos portugueses era muito semelhante à dos heroicos mineiros do manifesto e heroicos democratas da U.D.N. São anti-salazaristas porque se reúnem em casa e falam mal do Salazar. Mas na hora de agir, nada. O cavalo (a poesia) pode ter todas as cores, menos a cor vermelha. E eles são heróis porque nunca escreveram poemas defendendo Salazar. Mas acontece que o heroísmo não pode existir sem ser posto à prova e Salazar nunca lhes deve ter pedido nenhum poema. É o mesmo que dizer que Manuel Bandeira ou Schmidt foram formidáveis lutadores antifascistas porque nunca louvaram o Getúlio. Pois fazer poesia desinteressada dentro de um regime fascista é nada mais nada menos que ajudar o fascismo. Porque se v. não luta contra o inimigo, você deixa-lhe as mãos mais livres.

V. me entenda. Eu não teria feito o que fiz depois, se ele não tivesse vindo com aquela carta, falando no heroísmo que haveria em mim se eu me fizesse seu aliado. Crê ele então que Salazar dá alguma importância a que um poeta burguês faça poesia dentro dos matizes da poesia burguesa? Por que o cavalo de todas as cores não é mais do que um cavalo com todas as cores aceitas pela burguesia.

Pois bem. Quando ele me mandou a colaboração portuguesa, anunciou um ensaio do José Régio para o primeiro número, versando o direito da poesia à todas as cores (e que só aceitarei se for direito a cores e não a matizes...) e um poema do Pedro Homem de Mello, bonito, aliás, chamado “9 canções católicas”. Essa palavra católica é hoje a palavra que mais me irrita. Fiquei seriamente chateado. E lhe respondi que, como o primeiro número continha uma colaboração com um título tão fascista e de extrema direita como esse de católico, eu ia procurar contrabalançar a impressão publicando “A bomba atômica” do Vinícius [...] (MELO NETO, 1949j)

Cabral reconsidera essa carta, no dia seguinte, antes de enviá-la e depois de ter recebido a resposta cordial e acolhedora de Serpa tanto em relação à indicação do poema “A bomba atômica”, quanto à sugestão dos poetas catalães. Pede que Escorel coloque o mau juízo que fez do parceiro português na conta de sua “natural maledicência”. Mas a transcrição desse longo trecho de uma carta cujo conteúdo foi reconsiderado, justifica-se porque esse trecho é ilustrativo do quanto Cabral está orientado por um pensamento comunista ortodoxo, bastante comum entre intelectuais da época, para os quais a realização de uma arte não empenhada ou a

não assunção de uma atitude ostensivamente antifascista é um modo de compactuar com os totalitarismos de direita. Isso leva Cabral a emitir, ao longo das cartas, alguns julgamentos injustos de escritores.

Serpa, na carta-resposta, depois de ler as considerações de Cabral sobre as canções de Pedro Homem de Mello, afirma, com ênfase, o seu catolicismo:

Estimei muito saber a sua reacção de agrado perante os poemas do Pedro Homem de Mello. Não os escolhi eu, e não os escolheria porque sou católico praticante... Esta confissão lhe dirá a colaboração com que você pode contar de cá desta banda: no Cavalo só me interessa dar a melhor Poesia. Irei buscá-la ao meu mais aguerrido inimigo político, se ele a tiver. (SERPA, 1949d, grifos do autor)

Serpa, efetivamente, não gozava dessa isenção, pois suas escolhas para o primeiro número recaem sempre sobre portugueses de sua predileção poética e amizade e ligados, como ele, ao Presencismo. Além disso, o acervo português é o que lhe estava mais à mão, como diz numa das cartas iniciais: “Aqui, claramente, tenho grande facilidade de juntar a colaboração portuguesa” (Carta de Alberto de Serpa a João Cabral: Porto, 4 de setembro de 1949).

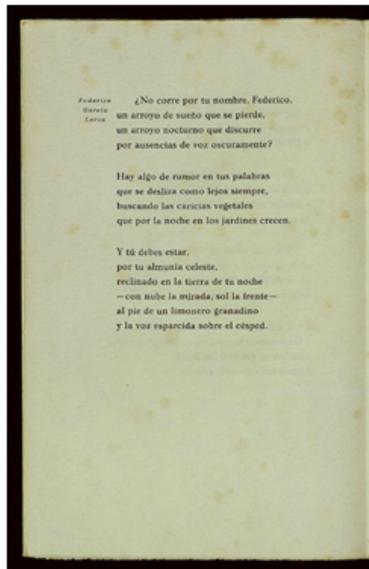
Cabral, por sua vez, não faz questão de declarar imparcialidade alguma em suas escolhas. Além de “A bomba atômica”, decide-se, depois de muitas hesitações e quatro meses de correspondência, por “Cuatro poetas”, do poeta e crítico de arte Rafael Santos Torroella.

Torroella é apresentado por Cabral como um “poeta que começara antes da guerra e que o fascismo manteve fora de toda atividade” (MELO NETO, 1949e). No poema escolhido, Torroella homenageia quatro poetas cuja morte estaria ligada ao franquismo: Federico García Lorca, Antonio Machado, Miguel Hernandez e Miguel de Unamuno.¹³ Sobre essa escolha, esclarece a Serpa:

¹³ Federico García Lorca (1898-1936) foi efetivamente assassinado pelo regime. Antonio Machado (1875-1939), pressionado pelo governo, seguiu um périplo de fuga, de 1936 a 1939, até morrer, de pneumonia, num hotel de Colliure, na França. Miguel Hernandez (1910-1942), o poeta da Guerra Civil, morreu na cadeia devido a uma tuberculose causada pelas condições precárias a que estava submetido. Miguel de Unamuno (1864-1936), depois de destituído do cargo de reitor da Universidade de Salamanca, faleceu em prisão domiciliar.

Não crê V. que homenagear os 4 é dar sérias contrariedades ao Ministro de Portugal em Berna? [o ministro de Portugal em Berna entre 1949 e 1950 foi António Ferro] E o melhor é que o poema nada diz sobre o que os mataram nem como eles morreram. Mas reunir os 4 equivale a dar uma geral bofetada em muita gente. (MELO NETO, 1949f)

Parte do poema “Cuatro poetas”, de Rafael Santos Toroella, dedicada a Federico García Lorca (exemplar da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Portugal)



Fonte: Melo Neto; Serpa (1950)

O critério político que mobiliza Cabral determina não apenas as escolhas dos textos, mas também a distribuição dos exemplares. Como representante do Brasil, chega, depois de muitos nomes aventados e descartados por razões diversas, ao de Maria da Saudade Cortesão Mendes, esposa de Murilo Mendes, católico que não capitulou a regime totalitário algum, e filha de Jaime Cortesão, um símbolo da resistência à ditadura em Portugal, o que lhe rendeu a demissão de diretor da Biblioteca Nacional e o exílio na França e, posteriormente, no Brasil:

Quanto ao representante no Rio, estava esperando sua resposta para agir. Creio que Saudade é a melhor indicada. O Lêdo era um bom elemento. Mas está muito ligado à turma filo-fascista do Lúcio Cardozo, Otávio de Faria, etc., e anularia, com isso, a presença da Bomba atômica, do José Régio, etc. Isto é: ia fazer o Cavalo uma espécie de Atlântico.¹⁴ O Domingos Carvalho da Silva teria um inconveniente de outra ordem. Ele está muito interessado em provar a existência de uma geração de 45 (dele, minha, do Lêdo Ivo, etc.), e podia querer intervir no Cavalo. E a Saudade, não. Ela é Cortesão, isto é, tem um nome nada simpático ao Salazarismo, tem tempo para se ocupar da distribuição, é luso-brasileira, “mitão y mitão”, e é casada com um dos pouquíssimos católicos brasileiros que não sentiram nunca nenhuma simpatia fascista. Hoje mesmo escreverei a ela. (MELO NETO, 1949g)

Cabral termina “demitindo” Saudade do cargo de distribuidora, antes que ela o assumisse, e resolve ele mesmo fazer a distribuição de alguns poucos exemplares no Brasil, para, ao fim, pedir a Serpa para enviar a revista a intelectuais brasileiros. Pelas cartas, entretanto, percebe-se que não chegou a mandar os exemplares a Serpa e efetivamente não tenho notícias de uma distribuição mais sistemática de *O cavalo de todas as cores* no Brasil.

Serpa se mostra mais profissional do que Cabral na distribuição em Portugal. Dos mais de 100 exemplares que recebeu, entregou 35 à Editora Portugália para venda em Lisboa, Porto e Coimbra: “Os 35 exemplares que pus à venda voaram, e de todos os lados me chegam pedidos” (SERPA, 1950a). Além disso, destinou outros a confrades portugueses, os quais, segundo ele, manifestaram recepção agradada: “As impressões que me chegam são agradáveis, e parece que nenhum Poeta de importância nos recusará colaboração. Até o velho Pascoaes, de lá do meio do Marão, acusou a recepção agradada!” (SERPA, 1950b).

Ainda durante a preparação do primeiro número, os organizadores já definem os nomes para o segundo e aventam possibilidades para o terceiro. Serpa fecha novamente com dois portugueses: poemas de Leonor de

¹⁴ Referência à revista *Atlântico* (1942-1950), que foi a ação editorial mais importante do intercâmbio literário e intelectual pactuado pelas ditaduras de Salazar e Vargas a partir do Acordo Cultural de 1941. Teve como propugnadores, do lado português, o diretor do Secretariado da Propaganda Nacional (SPN), António Ferro, e, do lado brasileiro, o diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), Lourival Fontes.

Almeida,¹⁵ poetisa nascida no Porto em 1915 e bastante admirada por Serpa, e inéditos de Fernando Pessoa, que, diga-se de passagem, não impressionam a Cabral. Vale lembrar que a década de 1940 foi um momento de verdadeira descoberta e valorização de Pessoa em Portugal, no que os presencistas tiveram um papel de grande importância.

Para Cabral, o critério político, sobretudo no que diz respeito à literatura da Catalunha, persiste no planejamento dos números 2 e 3, que não chegam a ser impressos. Para o número 2, pede um artigo a Carles Riba (1893-1959). Segundo Cabral, Riba, a quem sempre se refere como o melhor poeta catalão vivo, era o responsável por uma certa limitação purista dos poetas jovens e seria significativo que ele, naquele momento, dissesse-lhes “para serem menos gramáticos e mais homens” (MELO NETO, 1949f). Numa outra carta, desenvolve seu propósito de “bom materialista” em relação ao papel desse artigo, o qual deveria intervir no comportamento dos jovens poetas. Conforme análise de Cabral, Riba, pertencendo à linhagem esteticista de Mallarmé e Valéry, submeteu o catalão a “elaborações insuspeitadas”. Mas Riba começou a escrever em Catalão no período anterior à Guerra Civil Espanhola e à proibição do Catalão. Passada a Guerra Civil, o poeta se exilou em Oxford, onde lecionou grego. De volta à Espanha, continuou com sua poesia formalmente elaborada e sem vínculo explícito com o contexto, o que, para o Cabral comunista, num regime opressor, é o mesmo que ser-lhe conivente. Riba foi eleito a grande influência dos poetas da nova geração. Mas enquanto o catalão em que se expressa é memória de uma língua viva, anterior à Guerra Civil, os seus herdeiros escrevem a partir do catalão que leem no mestre e em poetas antigos. Considerando essa análise materialista, Cabral pede a Carles Riba para escrever um ensaio contra a poesia pura desses jovens que ele inspirou (MELO NETO, 1950). Entre esses jovens poetas estão aqueles que Cabral já havia traduzido e publicado, em fevereiro de

¹⁵ Nascida no Porto em 1915, Leonor de Almeida publicou *Caminhos frios* (1947), *Luz do fim* (1950), *Rapto* (1953), *Terceira asa* (1960). Tendo colaborado em jornais da época e participado de antologias, a poetisa parecia desfrutar de alguma projeção no momento das cartas, mas caiu depois no obscurantismo. Serpa se refere a ela em mais de um momento com exagerada empolgação: “Leonor de Almeida que será uma revelação para o Brasil (disse o Gaspar Simões que ‘Ela é um Torga de saias e um Régio de cabelos compridos’ – sem a menor influência de qualquer deles.)” (Carta de Alberto de Serpa a João Cabral: Porto, 6 de outubro de 1949).

1949, na *Revista brasileira de poesia*, e nos quais via então “uma posição de defesa, defesa tensa, da língua catalã” (MELO NETO, 1949, p. 29), mas agora censura-lhes a falta de uma atitude poética mais interessada na vida.

Se faço essa longa recuperação, em paráfrase, da explicação de um ensaio que, salvo engano, não chegou sequer a ser escrito, é porque essa explicação é ilustrativa do pensamento político de Cabral nesse momento. Pensamento que o aproxima de um comunismo mais ortodoxo, impede-o de considerar o que pode haver de resistência histórica na chamada poesia pura e o leva a negar, inclusive, a influência inicial de Mallarmé e Valéry.

A própria obra criativa de Cabral sofre uma reorientação em função de sua adesão à ideologia marxista. No período de planejamento da revista, o poeta estava às voltas com a composição de *O cão sem plumas*. Em carta a Drummond de outubro de 1948, conta que está arquitetando um poema que seria uma explicação de sua adesão ao comunismo e que se chamaria, na esteira da conhecida autobiografia literária de José de Alencar, *Como e por que sou romancista* (SÜSSEKIND, 2001, p. 228). Um ano depois, em carta a Serpa, refere-se a poema do mesmo título sobre o Capibaribe. Esse poema teria uma parte surrealista, representando *Pedra do sono*, a qual seria, em linguagem materialista, a tese; uma parte racionalista, representando *O engenheiro* e *Psicologia da composição* e simbolizando a reação racionalista antitética do poeta, e uma terceira parte, que seria a síntese (MELO NETO, 1949h). Dois meses depois dessa carta, ainda escreve a Serpa: “Continuo trabalhando no meu poema sobre o Capibaribe de pura lama. Pouco a pouco e sem muito afã. Creio que o poema será desprezado por todos os que apreciavam em minha poesia seu esteticismo e seu torre-de-marfinismo” (MELO NETO, 1949f).

O seu “esteticismo” e o seu “torre-de-marfinismo” são referências à sua obra anterior, em que Mallarmé e Valéry constituem presença incontornável. Esse desdém discursivo do poeta, nesse momento, à chamada poesia pura, a que ele, pelo menos no nível da realização linguística, não deixou de pagar tributo, liga-se a um exagero de parte de certa crítica comunista de então, a que o poeta não aderiu como criador, mas a que não foi refratário como homem do seu tempo. Tanto que incorpora, para se referir aos próprios livros iniciais e numa auto-ironia, xingamentos correntes entre essa crítica, como é o caso de “esteticismo” e “torre-de-marfinismo”.

Como poeta, Cabral não capitulou ao dogmatismo do realismo socialista. É assim que, concluído e publicado *O cão sem plumas*, livro que,

inicialmente, deveria ser a explicação de sua adesão ao comunismo, a obra realizada ultrapassa o propósito inicial do poeta. É verdade que, na parte III do poema, lê-se uma crítica à poesia pura e, nesse poema, a abertura à representação de determinada realidade regional e social injusta é tributária da adesão do poeta ao marxismo. Mas a forma de alta voltagem estética do poema está muito mais próxima da poesia pura do que da linguagem do realismo socialista, de modo que o estilo do livro de 1950 é o mesmo que o poeta já havia conquistado plenamente em *Psicologia da composição*. Isso vai ao encontro do que ele propunha aos artistas do grupo *Dau al set*. A esses rapazes, que o poeta influenciou com ideias marxistas, ele também ensinou, como recorda Antoni Tàpies, “que cada artista deveria seguir seu próprio estilo, mas sempre incluindo algum tipo de indicação em suas obras que permitisse identificar uma preocupação e uma crítica social. O surrealista deveria continuar sendo surrealista, mas com um enfoque social. O mesmo valia para o cubista”. (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1996, p. 15.)

Cabral, com o passar do tempo e talvez por causa da sanção sofrida nos anos 1950, reconsidera sua crença marxista na ação. Assim, em um outro contexto político, escreve ao amigo Lauro Escorel quando está prestes a publicar *A escola das facas* (1980): “Eu nunca me interessei por nada que significasse ação. Sempre deixei o mundo rolar e agora minha indiferença por ele é ainda maior. Se fosse possível assisti-lo, o que eu gostaria é de um fla-flu atômico, que o arrebentasse de vez” (MELO NETO, 1980). Apesar de o poeta reconsiderar sua crença marxista na ação, é inegável que a sua adesão ao comunismo no final dos anos 1940 teve consequências bastante produtivas e duradouras para sua obra poética a partir de *O cão sem plumas*.

O “democrata independente” Alberto Serpa, por sua vez, escreveu, em 1958, *Os versos secretos*, livro de crítica ao salazarismo só publicado em 1981 na poesia reunida do autor (SERPA, 1988), que havia ficado 25 anos sem publicar.

Voltando à *O cavalo de todas as cores*, feitas a seleção e a impressão do material, Cabral sentiu-se descontente com a obra realizada. Segundo ele, a revista estava “muito igual a toda [revista] colaborada por poetas atuais, sem nada de descoberta, sem nada de antigo, de popular.” Por isso teve a ideia de fazer um quinto caderno contendo gravuras de Enric Tormo. Com essas gravuras, variaria “o caráter da revista; que ganharia assim um *pliego* de coisa popular, catalã, antiga e poética-não-poemática” (MELO NETO, 1949g). Foi assim que o texto de Enric Tormo sobre a “Xilografia popular

en Cataluña”, seguido da reprodução de gravuras antigas da coleção do tipógrafo catalão, entrou na revista.

Encaminhando este artigo para o fim, como já foi mencionado, o segundo número, preparado ou esboçado, não foi impresso. Cabral vai alegando uma série de impedimentos para procrastinar a impressão. Mas, ao que parece, foi sobretudo a ida do poeta para Londres e seu mergulho na literatura de língua inglesa e na vida londrina que concorreram para arrefecer a empolgação inicial em relação à revista.

A correspondência entre João Cabral e Alberto de Serpa sobre a organização de *O cavalo de todas as cores* ajuda a compreender as escolhas do primeiro número e o plano do segundo como uma resposta dos editores, bastante direta no caso de Cabral, a um momento político opressor. Talvez a contemporaneidade desses autores e o modo como a ela responderam como homens, editores e poetas tenha algo a nos dizer sobre estes tempos.

Referências

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. *João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 1996.

CARVALHO, R. S. *A Espanha de João Cabral e Murilo Mendes*. São Paulo: Ed.34, 2011.

SCOREL, Lauro. [Correspondência]. Destinatário: João Cabral de Melo Neto. Boston, 24 mai. 1948.

GARCÍA, A. G. Nota sobre la revista *Algol*. *Els Marges* 90, Barcelona, p. 68-79, Inverno 2010 Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/Marges/article/view/295553/384299>. Acesso em 16 set. 2019.

MELO NETO, J. C. (Introdução e tradução). Quinze poetas catalães. *Revista brasileira de poesia*, ano 2, v. 1, n. 4, fev. 1949.

MELO NETO, J. C. *Poesia completa e prosa*. Introdução, organização, notas e estabelecimento de texto Antonio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

MELO NETO, J. C.; SERPA, A. (dir.). *O cavalo de todas as cores*. Barcelona, n. 1, jan. 1950. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RB-17-26/UCBG-RB-17-26_item1/P5.html. Acesso em: 8 maio 2019.

MELO NETO, João Cabral de. [Correspondência]. Destinatário: Alberto de Serpa. Barcelona, 11 jul. 1949a. (Espólio Alberto de Serpa. Biblioteca Municipal do Porto.)

MELO NETO, João Cabral de. [Correspondência]. Destinatário: Alberto de Serpa. Barcelona, 26 jul. 1949b. (Espólio Alberto de Serpa. Biblioteca Municipal do Porto.)

MELO NETO, João Cabral de. [Correspondência]. Destinatário: Alberto de Serpa. Barcelona, 8 set. 1949c. (Espólio Alberto de Serpa. Biblioteca Municipal do Porto.)

MELO NETO, João Cabral de. [Correspondência]. Destinatário: Alberto de Serpa. Barcelona, 21 mar. 1950. (Espólio Alberto de Serpa. Biblioteca Municipal do Porto.)

MELO NETO, João Cabral de. [Correspondência]. Destinatário: Alberto de Serpa. Barcelona, 26 set. 1949d. (Espólio Alberto de Serpa. Biblioteca Municipal do Porto.)

MELO NETO, João Cabral de. [Correspondência]. Destinatário: Alberto de Serpa. Barcelona, 25 nov. 1949e. (Espólio Alberto de Serpa. Biblioteca Municipal do Porto.)

MELO NETO, João Cabral de. [Correspondência]. Destinatário: Alberto de Serpa. Barcelona, 22 nov. 1949f. (Espólio Alberto de Serpa. Biblioteca Municipal do Porto.)

MELO NETO, João Cabral de. [Correspondência]. Destinatário: Alberto de Serpa. Barcelona, 6 dez. 1949g. (Espólio Alberto de Serpa. Biblioteca Municipal do Porto.)

MELO NETO, João Cabral de. [Correspondência]. Destinatário: Alberto de Serpa. Barcelona, 13 out. 1949h. (Espólio Alberto de Serpa. Biblioteca Municipal do Porto.)

MELO NETO, João Cabral de. [Correspondência]. Destinatário: Alberto de Serpa. Barcelona, 22 dez. 1949i. (Espólio Alberto de Serpa. Biblioteca Municipal do Porto.)

MELO NETO, João Cabral de. [Correspondência]. Destinatário: Lauro Escorel. Barcelona, 11 out. 1949j. (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa.)

MELO NETO, João Cabral de. [Correspondência]. Destinatário: Lauro Escorel. Quito, 21 ago. 1980. (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa.)

SERPA, A. *A poesia de Alberto de Serpa*. Edição de Luís Adriano Carlos. Porto: Campo das Letras, 1988.

SERPA, Alberto de. [Correspondência]. Destinatário: João Cabral de Melo Neto. Porto, 17 jul. 1949a. (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa)

SERPA, Alberto de. [Correspondência]. Destinatário: João Cabral de Melo Neto. Porto, 8 dez. 1949b. (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa)

SERPA, Alberto de. [Correspondência]. Destinatário: João Cabral de Melo Neto. Porto, 4 set. 1949c. (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa)

SERPA, Alberto de. [Correspondência]. Destinatário: João Cabral de Melo Neto. Porto, 6 out. 1949d. (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa)

SERPA, Alberto de. [Correspondência]. Destinatário: João Cabral de Melo Neto. Porto, 30 out. 1949e. (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa)

SERPA, Alberto de. [Correspondência]. Destinatário: João Cabral de Melo Neto. Porto, 28 mar. 1950a. (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa)

SERPA, Alberto de. [Correspondência]. Destinatário: João Cabral de Melo Neto. Leça, 26 mar. 1950b. (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa)

SÛSSEKIND, F. (org., apresentação e notas). *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

TÀPIES, A. *Memoria personal*. Traducción del catalán por Javier Rubio Navarro y Pere Gimferrer. Barcelona: Seix Barral, Biblioteca Breve, 1983.

VASCONCELOS, S. *João Cabral de Melo Neto: retrato falado do poeta*. Recife: Ed. Do Autor, 2009.

Recebido em: 24 de setembro de 2019.

Aprovado em: 21 de fevereiro de 2020.